



TER E HAVER EM ESTRUTURAS EXISTENCIAIS: COMPARAÇÕES ENTRE O PORTUGUÊS DO BRASIL E O PORTUGUÊS DE PORTUGAL EM CARTAS DE REVISTAS FEMININAS

“TER” Y “HAVER” EN ESTRUCTURAS EXISTENCIALES: COMPARACIÓN ENTRE PORTUGUÉS DE BRASIL Y PORTUGUÉS DE PORTUGAL EN CARTAS DE REVISTAS DE MUJERES

Juliana Bertucci Barbosa¹
Adriana Afonsina Silva de Oliveira²

RESUMO: Pesquisas sociolinguísticas apontam o uso do verbo TER ocupando o lugar de HAVER em estruturas existenciais. No entanto, as gramáticas normativas não mencionam esse uso e, quando o fazem, seu emprego é considerado um “desvio” da língua. Outras gramáticas, como as descritivas, indicam tal substituição e, até apresentam, como Mateus et al. (2003), os verbos TER e HAVER com sentido de existir como uma característica que diferencia o Português de Portugal do Português do Brasil. Partindo destas constatações, o presente artigo tem como objetivo apresentar um estudo descritivo-comparativo dos usos dos verbos TER e HAVER com sentido de existir em uma amostra da modalidade escrita menos formal do Português do Brasil e do Português de Portugal. Buscamos contribuir não só nos estudos que estabelecem as semelhanças e dissimilaridades dessas duas variedades do Português, como também fomentar as discussões sobre a gramática normativa e o uso real da língua.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; Formas verbais; Português do Brasil, Português de Portugal; Corpus, Cartas.

RESUMEN: Las investigaciones sociolingüísticas apuntan al uso del verbo TER ocupando el lugar de HAVER en las estructuras existenciales. Sin embargo, las gramáticas normativas no mencionan este uso y, cuando lo hacen, su uso se considera una “desviación” del lenguaje. Otras gramáticas, como las descriptivas, indican dicha sustitución e incluso la presentan, como Mateus et al. (2003), los verbos TER y HAVER significan existir como una característica que diferencia al portugués de Portugal del portugués de Brasil. Con base en estos hallazgos, este artículo tiene como objetivo presentar un estudio descriptivo-comparativo de los usos de los verbos TER y HAVER con el significado de existir en una muestra de la modalidad escrita menos formal de portugués brasileño y portugués de Portugal. Buscamos contribuir no solo a estudios que establezcan las similitudes y disimilitudes de estas dos variedades de portugués, sino también fomentar discusiones sobre gramática normativa y el uso real del idioma.

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) e Universidade Estadual Paulista – UNESP/Aararaquara. E-mail: juliana.barbosa@uftm.edu.br Orcid: 0000-0002-1510-633X

² MBA em Marketing na USP/ESALQ. E-mail: drioliveira@hotmail.com Orcid: 0000-0002-4143-4687

PALABRAS-CLAVE: *La variación lingüística; Las formas verbales; Portugués de Brasil, Portugués de Portugal; Corpus, Letras.*

Introdução³

O uso de TER existencial quase não é mencionado em gramáticas normativas do Português Luso-Brasileiro e, quando apontado, seu emprego é considerado um “desvio” na língua escrita. Em oposição a essa constatação, pesquisas (sócio)linguísticas (como, por exemplo, de CALLOU, AVELAR, 2000, 2002; DUTRA, 2000; SILVA, 2004; VITORIO, 2010) apontam que desde o Latim Clássico, os verbos TER e HAVER caminham paralelamente. Devido à perda da força expressiva do verbo HAVER, a língua recorreu ao uso de TER, que gradualmente foi substituindo HAVER em estruturas de posse e em construções de tempos compostos, e que, posteriormente, passou a ocorrer com HAVER em estruturas existenciais. Assim, o presente trabalho objetiva apresentar uma investigação descritivo-comparativa dos verbos TER e HAVER, com sentido de existir, em uma amostra do Português de Portugal (PP) e do Português do Brasil (PB) escrito contemporâneo, buscando estabelecer as semelhanças e dissimilaridades nos usos dessas formas verbais em duas variedades do Português e as semelhanças e dissimilaridades entre a gramática normativa e o uso real da língua.

Para isso, utilizamos como corpus cartas da revista **Ragazza** de Portugal e da revista **Capricho** do Brasil, ambas publicadas a partir de 1994. Segundo Marine (2009), as cartas de revista femininas, como utilizadas em nosso estudo, são uma amostra de modalidade intermediária entre oralidade e escrita. Dessa forma, essas cartas se caracterizam por uma escrita menos formal e fortemente marcada por traços típicos da oralidade, já que a relação construída entre a leitora e a revista é uma relação de amizade. Esse contexto de menor formalidade é ideal para a análise de questões linguísticas de caráter variacionista (LABOV, 1972).

2. Os verbos TER e HAVER

Segundo Batista (2012), os verbos TER e HAVER podem atuar em vários tipos de estruturas, como: (i) verbos plenos, indicando o valor de posse; (ii) estruturas em que acompanham verbo no particípio passado, ora flexionado, adjetivando o complemento direto, ora não flexionado, formando os tempos compostos; (iii) estruturas chamadas modais, em que acompanham uma preposição (de / que) e um verbo no infinitivo, indicando noções de futuridade e/ou obrigatoriedade; (iv) estruturas nas quais atuam como verbos funcionais, mantendo o sentido de posse e/ou existência, mas acompanhando substantivos de caráter abstrato; (v) estruturas designadas existenciais, em que o verbo não seleciona argumento externo e denota a existência de algo.

³ CAPES-001.

Especificamente, neste artigo, abordaremos apenas este último uso de TER e HAVER no Português Brasileiro e no Português de Portugal, o de estruturas que expressam sentido de existir.

Segundo Callou e Avelar (2002), por volta do século XVI, TER torna-se o verbo padrão para expressar a posse e começa também a penetrar o campo das existenciais. Consequentemente, HAVER, que já havia suplantado o uso do verbo ser como existencial prototípico, começa a dividir certos contextos com a forma inovadora TER. Assim, tem início uma mudança que pode ser englobada dentre os aspectos que permitem distinguir uma norma linguística brasileira distinta da de Portugal.

Semanticamente, pode-se dizer que as estruturas existenciais indicam a existência de algo, embora já se saiba que tal definição, tendo em vista as diversas ocorrências desse tipo de estrutura, seja incompleta. As existenciais apresentam configurações distintas, podendo, muitas vezes, ter seu sentido original esvaziado. Ou seja, as estruturas existenciais são aquelas em que o verbo ocorre obrigatoriamente com um complemento (objeto direto), mas nunca com um sujeito e podem assumir o sentido de existir e o de ocorrer ou acontecer.

Embora os verbos existenciais, especialmente o verbo HAVER, sejam considerados impessoais, durante um longo período da tradição gramatical, o complemento de haver era interpretado como sujeito, ocasionando, assim, a concordância do verbo com o nominativo. Os casos em que não se flexionava o verbo eram considerados idiotismos da língua. Atualmente, observa-se que a concordância é realizada, principalmente, em contextos nos quais o falante se encontra numa situação formal e quer ser bem avaliado (por exemplo, nos discursos políticos). Por não ser um verbo tão utilizado na fala casual, o falante acaba por levar o verbo ao plural, assim como ocorre com existir e, muitas vezes, com ter existencial.

2.1. TER e HAVER em gramáticas

A gramática normativa é entendida como uma espécie de lei que regula o uso da língua em uma sociedade, pois descreve o que pode e o que não pode ser dito pelos falantes em uma situação de fala ou de escrita formais. A gramática normativa descreve a língua baseando-se no uso consagrado pelos bons escritores, ignorando características de uso da fala e da escrita, que, dependendo da situação de comunicação, pode ser mais ou menos informal, ou mais ou menos formal. Todas as outras formas de uso da língua são consideradas desvios, deformações e degenerações da língua, sendo, portanto, a variedade padrão o modelo a ser seguido por todos os falantes da língua.

Já a gramática descritiva propõe descrever as regras de como uma língua é realmente falada, independente do que a gramática normativa prescreve como "certo" ou "errado". Como a língua sofre mudanças, muito do que é prescrito na gramática normativa já não é mais usado pelos falantes

de uma língua. Dessa forma, a gramática descritiva não tem o objetivo de apontar erros, mas sim identificar todas as formas de expressão existentes e verificar quando e por quem são produzidas.

No que diz respeito ao comportamento variável dos verbos TER e HAVER com sentido existencial, analisamos como essa variação é ou não descrita em duas gramáticas normativas e quatro gramáticas descritivas: **Moderna Gramática Portuguesa** de Evanildo Bechara; **Nova Gramática do Português Contemporâneo** de Celso Cunha e Lindley Cintra; **Gramática do Português Brasileiro** de Ataliba T. de Castilho; **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro** de Marcos Bagno; **Gramática do Português Brasileiro** de Mário A. Perini e **Gramática da Língua Portuguesa** de Mira Mateus et. al.

Bechara (2009) postula que há orações que encerram apenas a declaração contida no predicado, sem que se cogite de atribuí-la a nenhum sujeito e que os verbos que participam delas são chamados impessoais e cita, entre seus exemplos, o verbo haver no sentido existencial. O autor destaca que alguns autores consideram como impessoal o verbo haver quando indicador de tempo, podendo sugerir que tenha uma opinião diferente acerca dessas construções. De acordo com Bechara, o verbo “haver” em orações sentido de existir, ou seja, seguido de objeto direto e significando a existência de uma pessoa ou coisa comporta-se como um verbo impessoal e, por isso, deve sempre ser empregado na 3ª pessoa do singular. Para o gramático, essa variação é uma incorreção na língua culta, sendo o verbo haver, na acepção de existir, o padrão de referência de uso “correto” da língua. Além disso, para o autor o verbo TER não deve ser usado em construções existenciais, pois, seu uso do lugar do verbo HAVER é uma incorreção da língua culta.

Já Cunha e Cintra (2008) abordam de maneira mais aprofundada o verbo haver, ao dedicarem a esse verbo um tópico especial, denominado “Sintaxe do verbo haver”. Os autores afirmam que haver pode ser usado em todas as pessoas – quando atuam como verbos auxiliares, verbos principais ou como verbos de posse – ou somente na 3ª pessoa do singular, atuando como verbo impessoal, indicando existência ou tempo decorrido.

Segundo os autores, o verbo HAVER quando sinônimo de existir, não tem sujeito e é transitivo direto, sendo o seu objeto o nome da coisa existente ou, a substituí-lo, o pronome pessoal o (a, lo, la). Existir, ao contrário, é intransitivo e possui sujeito, expresso pelo nome da coisa existente. Por exemplo⁴:

(01) “**Há tantas folhas** pelas calçadas!”

(02) “**Existem tantas folhas** pelas calçadas!”

⁴ Exemplos extraídos de Cunha e Cintra (2008, p. 554).

Ainda segundo os autores, há construções que embora se documentem em alguns dos melhores escritores da língua, especialmente do século passado, não devem ser hoje imitadas, como⁵:

(03) “**Houveram muitas lágrimas** de alegria.” (Camilo Castelo Branco, V, 82.)

(04) “Ali **havia** vários deputados que conversavam de política.” (Machado de Assis, OC, II, 67-68.)

Em relação ao verbo TER com sentido existencial, os autores admitem que o uso é frequente na linguagem coloquial e postulam que o seu emprego deve ser como impessoal, assim como o verbo haver. Porém, os gramáticos orientam seus leitores que evitem esse uso, pois é uma incorreção na língua culta.

Castilho (2010), em sua gramática, na seção *Gramaticalização de TER e HAVER*, apresenta não só os verbos citados como verbos plenos, que selecionam um sujeito possuidor e se constroem com objeto direto, mas também aponta que TER e HAVER estão presentes na estrutura existencial, sendo formado pelo verbo seguido de sintagma nominal. Segundo o autor, o HAVER foi deslocado por TER nas construções possessivas e especializou-se nas construções existenciais. Além dessas funções o autor apresenta, também, os verbos como auxiliares na formação do futuro e do pretérito perfeito composto.

Bagno (2011), na seção *Verbos existenciais ou apresentacionais* (p.620), explica que ao contrário de todos os demais verbos, os verbos existenciais, como TER e HAVER, não realizam a função de predicação. Sendo assim, na frase “**Tem** café na garrafa” o verbo TEM não atribui um papel a um dos elementos da frase. Ou seja, o verbo não serve para dizer algo substancial sobre o café, serve apenas para mencionar sua existência. Para o autor, os verbos que se limitam a enunciar a existência das coisas não podem ser considerados verbos, mas sim introdutores das coisas no mundo do discurso. Explicita ainda que esse é o motivo para alguns teóricos chamarem estes verbos de apresentacionais de tópicos novos, que não desempenham nenhum dos principais papéis sintáticos que os sintagmas nominais desempenham normalmente nas sentenças. Sendo assim, não podem ser considerados sujeito nem objeto. Em suma, segundo Bagno, os verbos apresentacionais são meros instrumentos, operadores gramaticais, que podem até ser omitidos no discurso sem que se perca o conteúdo do enunciado.

Perini (2010), na seção *Verbos que raramente ocorrem com sujeito* (p.79), postula que o uso do verbo HAVER, com sentido de existir, ocorre raramente, em geral em contexto de linguagem mais cuidada, sendo TER a forma mais recorrente. Feita as devidas diferenças de uso, o autor

⁵ Exemplos extraídos de Cunha e Cintra (2008, p.554).

demonstra que TER e HAVER existenciais são sinônimos e aparecem tipicamente na construção do enunciado acompanhados de um objeto posposto, por meio dos seguintes exemplos⁶:

(05) **Tem** um besouro no banheiro.

(06) No Brasil **tem** muita gente de origem japonesa.

(07) **Houve** uma festa na minha casa. (mais frequentemente: *teve uma festa...*)

Além disso, segundo Perini, o verbo TER com outras acepções, como de posse, pode ocorrer com sujeito. No entanto, quando o verbo apresenta existência nunca tem sujeito. Por isso, nos casos em que a concordância seria visível, ela não acontece⁷:

(08) **Teve** dois acidentes na minha rua. (e não **tiveram...*)

Essa é a distinção a deste verbo com o verbo existir, de significado muito semelhante, mas que pode ocorrer com sujeito:

(09) **Existiam** animais enormes nessa época.

Ou, quando há simplificação morfológica do verbo que não recebe a marca de plural:

(10) **Existia** animais enormes nessa época.

Outra gramática consultada foi a de Mira Mateus et al (2003), **Gramática da língua portuguesa**, que focaliza o estudo da norma-padrão do português de Portugal (PP), embora em muitas circunstâncias se indiquem características de outras variedades nacionais, geográficas e/ou sociais.

Nessa gramática, as autoras agrupam os verbos impessoais aos unipessoais, pelo fato de ambos se caracterizarem pelo seu emprego apenas na 3ª pessoa. No entanto, entre os unipessoais, aceita-se a 3ª pessoa do plural; já os impessoais não são flexionados, ao menos em teoria. Apesar de considerá-los como uma única categoria, as autoras observam haver entre eles diferenças sintáticas e semânticas. Em relação aos argumentos selecionados, os verbos impessoais requerem apenas argumento interno, na função de objeto direto; os meteorológicos não selecionam argumentos; e os outros tipos de verbos (os que indicam vozes de animais, necessidade ou e os verbos acontecer,

⁶ Exemplos extraídos de Perini (2010, p.80).

⁷ Exemplos extraídos de Perini (2010, p.80).

constar, concernir, etc.) apresentam apenas um argumento externo, que funciona como sujeito, o qual indica se o verbo permanece no singular ou vai para o plural.

Além disso, segundo as autoras, as variedades do português faladas em Portugal (PP) e no Brasil (PB) apresentam algumas diferenças tanto nos níveis fonético e lexical como nos níveis morfológicos. Sintaticamente, os verbos “ter” e “haver” têm uso diferente em PB e PP com o significado de existir. Por exemplo⁸:

(11) PB - **Tem** fogo naquela casa / No baile **tinha** muitos homens bonitos

(12) PP – **Há** fogo naquela casa / No baile **havia** muitos homens bonitos

No tópico, relações gramaticais oblíquas, que dizem respeito às associações gramaticais que não são centrais podendo ser argumentos obrigatórios e opcionais do predicador verbal como adjuntos, encontram-se no uso do verbo HAVER com sentido de existir, no seguinte exemplo: “Há falta de leite [*por causa da seca*]”. O exemplo, entre outros, pretende mostrar que os constituintes com relações gramaticais oblíquas são tipicamente de natureza prepositiva, adverbial ou frásica.

Portanto, a partir dessa investigação sobre o TER e HAVER com sentido de existir em gramáticas com distintas finalidades (normativas ou descritivas), foi possível verificar que TER em orações existenciais é mencionado nas gramáticas normativas como uma “incorreção”. Esse fato sinaliza um distanciamento entre a normatização da língua e o uso que o falante faz da língua de fato.

2.2. TER e HAVER em pesquisas (sócio)linguísticas

Tendo em vista a perspectiva sociolinguística que este trabalho aborda, além da análise dos verbos TER e HAVER em gramáticas normativas e descritivas, foi necessário também uma revisão em pesquisas sociolinguísticas que abordam o uso destes verbos.

William Labov, por meio da Sociolinguística, partindo da concepção de língua de Saussure (2006), que concebe a língua como um fator social, que possui uma estrutura interna única, homogênea, comum a todos os falantes e a fala como um ato individual e heterogêneo, propôs um estudo acerca do componente social da língua e suas variações. Segundo tal sociolinguista, há diferentes formas de se dizer a mesma coisa, denominadas variáveis. Desse modo, as pesquisas sociolinguísticas ou variacionistas buscam sistematizar os fatores que condicionam as variações em uma língua. Levando em consideração que visam refletir o uso da língua em seu contexto social heterogêneo, por meio destas pesquisas é possível analisarmos se os usos prescritos pela gramática, principalmente a normativa, refletem um uso real da língua.

⁸ Exemplos extraídos de Mira Mateus et al (2003, p.49)

Seguindo essa perspectiva variacionista, ao investigarem a variação TER/HAVER existenciais na fala culta carioca nas décadas de 70 e 90, Callou e Avelar (2000) observaram que a presença de TER no campo de HAVER ainda não se completou – 69% de ter contra 31% de haver, embora o percentual de ter salte de 63% nos anos 70 para 76% nos anos 90, sugerindo assim uma mudança em progresso. Além disso, os pesquisadores mostram que, tanto em uma década como em outra, quatro fatores foram relevantes para a variação em estudo, a saber, tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, faixa etária e gênero.

Outra pesquisa, de Dutra (2000), que analisou a variação TER e HAVER na norma culta de Salvador, demonstrou que o verbo TER é o mais utilizado com 61,9% das ocorrências contra 38,1% das do verbo HAVER. Dutra também apontou fatores linguísticos e sociais condicionam tal variação: animacidade do objeto, natureza concreta ou abstrata do objeto, modos e tempos verbais, posição do objeto, tipos de oração, tipos de registro, gênero e faixa etária. A autora também aponta que o uso de ter impessoal, na norma culta de Salvador, pode ser entendido como um processo de mudança em curso.

Vitório (2006), ao analisar a variação TER e HAVER na escrita de alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental da cidade de Maracanaú/CE, buscando observar a frequência de uso desses verbos no corpus em questão e de analisar se fatores linguísticos e sociais que interferem no uso de TER e HAVER, não só demonstra que a frequência de uso de TER é amplamente maior do que a de HAVER (89% dos casos para o verbo TER, apenas 11% de uso de HAVER), como também mostra que tal variação é condicionada apenas pelos fatores linguísticos tempo verbal, tema do texto e animacidade do SN objeto.

A partir do que foi exposto, é possível perceber que apesar de não ser uma forma aceita pelas gramáticas normativas, o uso do verbo TER em construções existenciais não é um fenômeno estigmatizado pela sociedade, pois é utilizado por falantes de diferentes níveis de escolarização, sem causar preconceito linguístico e social. Logo, esses resultados evidenciam a preferência dos falantes, sejam eles escolarizados ou não, pelo uso da variante TER existencial. O emprego TER, segundo Silva (2004), também é encontrado em mídia, em órgãos que requerem um estilo mais formal de linguagem e à própria instituição educacional que não discrimina tal emprego.

É a partir desses estudos (e de outros) e dessas observações, visamos neste artigo, como já mencionado, realizar um estudo descritivo-comparativo do uso variável dos verbos TER e HAVER com sentido de existir em corpus escrito em duas variedades do Português, buscando verificar, com base nos dados, os possíveis condicionamentos para o uso de um ou de outro verbo, a partir do controle das seguintes variáveis independentes descritas na seção 6 deste artigo.

3. Semelhanças e diferenças entre PB e PP

Segundo Mira Mateus et al (2003), as variedades faladas em Portugal (PP) e no Brasil (PB) apresentam algumas diferenças nos níveis fonético, lexical, morfológico e sintático semântico. No que diz respeito ao nível fonético, segundo as autoras, as vogais átonas do PB são muito menos reduzidas que em PP (nessa gramática, as autoras optam pelo uso da terminologia “Português Europeu-PE”, por isso, nesta seção, manteremos a nomenclatura PE e não PP, como em outras seções deste artigo), assim como acontece no português falado na África. Nas regiões nordeste e norte do Brasil, as vogais átonas pretônicas são abertas, como por exemplo⁹:

PB		PE	
<i>partir</i>	p ^[a] rtir	<i>partir</i>	p ^[e] rtir
<i>levar</i>	l ^[e] var	<i>levar</i>	l ^[i] var
<i>morar</i>	m ^[o] rar	<i>morar</i>	m ^[u] rar
<i>leve</i>	lev ^[i]	<i>leve</i>	lev ^[i]
<i>more</i>	mor ^[i]	<i>more</i>	mor ^[i]

Além disso, as autoras afirmam que antes de /i/ tônico e /e/ pós-tônico, o /t/ e o /d/ palatalizam e realizam-se como africadas no PB, pronunciando-se respectivamente como [tʃ] e [dʒ], enquanto em PE se mantêm como oclusivas.¹⁰

PB		PE	
<i>tio</i>	[tʃ]io	<i>tio</i>	[t]io
<i>director</i>	[dʒ]irector	<i>director</i>	[d]irector
<i>bate</i>	ba[tʃ]i	<i>bate</i>	ba[t]i
<i>pede</i>	pe[dʒ]i	<i>pede</i>	pe[d]i

Além destes exemplos, em relação às diferenças de nível fonético, a gramática postula que as sibilantes em final de sílaba e de palavra mantêm-se como [s] e [z] no PB e são pronunciadas como palatais, [ʃ] e [ʒ] em PE; o /l/ que é pronunciado como a semivogal [w] no PB e velarizado [ɫ]; a vibrante final de palavra admite variação de pronúncia no PB, podendo ocorrer como vibrante simples [r], fricativa[x], aspirada [h], ou ainda ser suprimida, enquanto em PE ocorre sempre como vibrante *tap*, [ɾ], embora na fala coloquial possa também ser suprimida e, por último, a introdução de um [i] epentético entre duas consoantes que, em português, não formam habitualmente um grupo, enquanto em PE as duas consoantes se mantêm em sequência, como por exemplo, na palavra *captura* em que em PB pronuncia-se cap[i]tura e em PE ca[pt]ura.

⁹ Exemplos extraídos de Mira Mateus et al (2003, p.45)

¹⁰ Exemplos extraídos de Mira Mateus et al (2003, p.46).

Quanto aos níveis morfológicos e sintáticos, as autoras apresentam a utilização dos clíticos de terceira pessoa, apontando que o PB vernacular perdeu os clíticos de terceira pessoa, apresentando neste lugar os pronomes *ele/ela* e *lhe*¹¹:

PB	PE
eu vi <i>ele</i> na rua	eu vi- <i>o</i> na rua
deixa <i>ela</i> comigo	deixa- <i>a</i> comigo
quero <i>lhe</i> conhecer	quero conhecê- <i>lo</i>

Também, segundo as autoras, há diferença quanto à colocação dos clíticos pronominais tendo em vista que em PB estes clíticos são habitualmente colocados em posição proclítica enquanto, nas frases correspondentes, são colocados em posição enclítica no PE¹²:

PB	PE
<i>me</i> diga uma coisa	diga- <i>me</i> uma coisa
a menina <i>se</i> levantou	a menina levantou- <i>se</i>
ele pode <i>se</i> aborrecer	ele pode aborrecer- <i>se</i>

Nesta seção, as autoras ainda apresentam construções com gerúndio, que podem ter funções sintáticas de dois tipos: progressivo e de predicados secundários. Em ambos os casos se verifica que o PB apresenta construções com gerúndio ao passo que o PE apresenta quase sempre construções com infinitivo.¹³

Progressivo:

PB	PE
estava <i>brincando</i>	estava <i>a brincar</i>
vinha <i>correndo</i>	vinha <i>a correr</i>
estava <i>namorando</i>	estava <i>a namorar</i>

Predicado secundário:

PB	PE
Passou um ano <i>ouvindo</i>	Passou um ano <i>a ouvir</i>
Você vê duas crianças <i>brincando</i>	Você vê duas crianças <i>a brincar</i>

A gramática apresenta ainda as construções que exprimem distância temporal, em que o PB utiliza os verbos *fazer* e *ter* ao passo que o PE usa o verbo *haver* e a presença/ausência de artigo antes de possessivo, em que as autoras afirmam que em PB é habitual, antes de possessivo pré-

¹¹ Exemplos extraídos de Mira Mateus et al (2003, p. 47).

¹² Exemplos extraídos de Mira Mateus et al (2003, p.47).

¹³ Exemplos extraídos de Mira Mateus et al (2003, p. 48).

nominal, a ausência de artigo, enquanto em PE está sempre presente. Ou seja, em PB a construção habitual é “vou comprar *meu* vestido” e em PE é “vou comprar *o meu* vestido”.

Nas últimas duas seções, as autoras apresentam as diferenças de formas de tratamento e léxico entre PB e PE. No que tange, as formas de tratamento, no PB a utilização de *você* substitui, na maioria dos dialetos, o *tu* e o *você* (familiar) do PE. Além disso, enquanto em PE o tratamento respeitoso usa-se o próprio nome, o cargo, o título ou o grau de parentesco, no PB utiliza-se *o senhor, a senhora* e, no interior dos grupos profissionais, o cargo ou o título. Quanto às diferenças lexicais, na norma brasileira existem numerosos vocábulos de origem tupi e de origem africana que não fazem parte da norma do PE. Assim, as duas variedades podem apresentar palavras idênticas com significado diferente, como a palavra *banheiro*, que no PB significa casa de banho e no PE, salva-vidas; palavras idênticas com o mesmo significado como as palavras *esparadrapo* (PB) e *adesivo* (PE); palavras derivadas com a mesma base e diferentes sufixos mas com idêntico significado, como as palavras *fumante* (PB) e *fumador* (PE) e palavras com o mesmo sufixo e diferentes bases, mas com significado idêntico, como *encanador* (PB) e *canalizador* (PE).

Contudo, apesar das diferenças dos diversos níveis gramaticais apresentadas entre estas duas variedades do português, as autoras afirmam que se deve considerar que no processo de derivação de ambas variedades podem existir processos gramaticais comuns (semelhanças). Sendo assim, não é plausível afirmar que as variedades do português possuem apenas diferenças gramáticas.

4. Cartas como *corpus* para pesquisas linguísticas

Segundo Marine (2009), as revistas femininas são a mídia da interação, pois tem o seu público definido e com características marcadas. Esse segmento midiático quer ir além da informação, quer interagir com seu público leitor. Para isso, vale-se de estratégias discursivas, como a seção de cartas, lugar que ocorre a interação entre revista e leitoras. Diferentemente da impessoalidade do leitor que escreve para a redação de jornais, a leitora da revista feminina tem suas especificidades e necessidades próprias. Além disso, a interação leitora-revista na seção de cartas não ocorre apenas entre a leitora que escreve e a revista já que as cartas publicadas revelam situações que estão acontecendo ou poderiam acontecer com qualquer leitora. Ou seja, essa seção se torna um bate-papo entre amigas, onde há troca de confidências, angústias, necessidades, dúvidas, tristezas, alegrias. Logo, a seção de cartas torna-se um meio de compartilhamento, e esse compartilhamento ajuda a solucionar problemas, curiosidades, medos e ansiedades de muitas mulheres.

Cabe ressaltar que a linguagem utilizada na seção de cartas da revista tende a ser menos formal e também a apresentar alguns traços de oralidade tornando-se um verdadeiro bate-papo entre

amigas. Por estas características, justifica-se o emprego de cartas de revistas femininas como corpus para esta pesquisa.

4.1 História da Revista **Capricho** e da Revista **Ragazza**

A revista **Capricho** foi criada em 1952, por Victor Civita, sendo o primeiro título da Editora Abril e a primeira revista feminina do Brasil. Em seus primeiros 30 anos, a **Capricho** foi uma revista de fotonovelas, histórias de amor contadas com fotos, em formato de histórias em quadrinhos. Aos poucos, a revista passou também a falar também de moda, beleza e comportamento. Em 1982, a revista volta o seu foco para as leitoras mais jovens (de 15 a 29 anos). A fotonovela desaparece e dá lugar a mais serviços de moda, beleza e comportamento. Em 1985, adota o slogan "A revista da gatinha", firmando-se como uma revista para adolescentes. Na capa sempre havia modelos. Por isso, durante a década de 90, sair na capa da **Capricho** era o desejo de todas as modelos em início de carreira. Em 1996, a revista, que era mensal, se converte em quinzenal. A capa também sofre transformações, ao invés de modelos estas passam a estampar os ídolos das leitoras.



Figura I: capa da revista

Fonte: **Capricho** (Nov./2010).

Em 2006, a **Capricho** passa por uma nova mudança gráfica e editorial, mudando inclusive seu logotipo, para ficar mais moderna e atraente. Além disso, cresce a importância da revista no meio digital também e seu site passa a trazer conteúdos exclusivos para a internet, aumentando a possibilidade de interação com as leitoras. O atual público da revista encontra-se na faixa de 13 a 17 anos.

Já a **Ragazza** é uma revista publicada em Portugal desde novembro de 1993, pela Editora Hachette, cujo perfil, segundo a própria chefe de redação da revista, Teresa Netto, muito se assemelha à linha editorial da revista brasileira **Capricho**.



Figura II: capa da revista

Fonte: **Ragazza** (out/2006)

A princípio, a seção de cartas era chamada de “Confidencial” e mais tarde, “Correio Desavergonhada”. Assim como a **Capricho**, a **Ragazza** também incorporou uma seção de depoimentos das leitoras, intitulada “Caso real”. A revista é destinada a um público jovem essencialmente feminino, de “classe média” e, os temas abordados estão bastante atrelados a questões de relacionamentos amorosos e às angústias, curiosidades e aventuras da adolescência,

como primeiro beijo, primeira relação sexual, namoros, traições, amizades, drogas, menstruação, dietas etc. Como já foi afirmado anteriormente, **Ragazza**¹⁴ e **Capricho** têm orientações editoriais muito semelhantes e é possível notar que a **Ragazza** baseia-se bastante no estilo da **Capricho**, cujas primeiras edições datam do fim da década de 1950, embora seu formato atual esteja mais ligado à reformulação pela qual passou a revista em 1989.

4.2 As cartas de leitoras da revista **Capricho** e da **Ragazza**

Partindo do pressuposto de que cartas de leitores com características “menos formais” estariam em revistas cuja linguagem também fosse “menos formal” e os temas abordados mais ligados a questões pessoais e do cotidiano, percebemos que as revistas femininas **Capricho** e **Ragazza** encaixavam-se perfeitamente dentro deste padrão já que são destinadas a um público jovem essencialmente feminino, de “classe média”. Além disso, os temas abordados estão bastante atrelados a questões de relacionamentos amorosos e às angústias, curiosidades e aventuras da adolescência: primeiro beijo, primeira transa, namoros, traições, amizades, drogas, menstruação, dietas etc.

A linguagem utilizada pela leitora e pela revista na seção de cartas é menos formal já que a adolescente ao pedir um conselho à revista, não quer uma resposta que represente a voz de um adulto, mas sim, a de uma amiga, que lhe compreende e “fala a mesma língua”. Por isso, a linguagem ser escrita de modo menos formal e, também, apresentar alguns traços de oralidade acabam fazendo com essas cartas pareçam um verdadeiro “bate-papo” entre amigas. Vejamos os fragmentos abaixo:

Fragmento I

“Há três anos que saio com um rapaz que gosta muitíssimo de mim e desde há dois que praticamos a masturbação em conjunto. O problema é que nunca tive um orgasmo e isso preocupa-o. Há alguma solução? Andreia-Lagos. O problema não está em parte alguma, és tu que o estás a criar a ti própria. Se gozas masturbando-te com o teu namorado, para quê andares com outras preocupações? Alcançar um orgasmo não é um exame que tenhas que passar à força. Decerto a ansiedade que sentes por alcançar essa meta não te deixa desfrutar a tua relação.” [...] (R21994P92)

Fragmento II:

“Estou apaixonada por um rapaz que é supertímido. Tenho a certeza que ele também gosta de mim, porque disse isso a um amigo, mas se quiser sair com ele, bem posso esperar, porque nunca na vida se vai resolver. Que hei de fazer? Nádia-Faro/ Uma vez que ele é assim tão tímido, é melhor

¹⁴ A Revista passou a ser publicada em Portugal em 2008.

não seres muito brusca e não forçares as coisas. Mostra-te carinhosa, para ele se aproximar de ti sem medo. Por outro lado, procura um mensageiro que lhe vá dizendo a pouco e pouco que simpatizas muito com ele, que gostas dele, que gostavas de namorar com ele... Se vires que já está a par do teu amor, mas que nem por isso se resolve, passa ao ataque: procura outro rapaz também tímido e faz com que o primeiro veja que a vossa amizade corre perigo devido a esse concorrente. Tens que o pôr entre a espada e a parede. Boa sorte!” (R101994P90)

Já para justificar nossas afirmações com relação às marcas de oralidade e as marcar de informalidade que o nosso *corpus* composto de cartas da revista **Capricho** podem apresentar, mostramos a seguir um exemplo¹⁵:

Fragmento III

“Todas as vezes que eu e meu namorado estamos quase lá, ele fica ultrameganervoso, começa a suar e a gente não consegue transar. O que eu poderia fazer para ajudá-lo? / Já tentou dar maracujina para o rapaz? Sugiro uma adaptação, então é isso que você deve fazer com o maracujina-boy. [...]”. (C92001P74 / destaque nosso).

Fragmento IV

“Foi um sacrificio bolar algo que fosse digno de uma camiseta Capricho. Mas conseguimos. Depois de racharmos a cabeça, quase morremos só para recortar estas benditas letrinhas.” (C21994P9/ destaque nosso).

As expressões destacadas nos fragmentos acima evidenciam as marcas de oralidade e traços de menor monitoramento (grau menos de formalidade) presentes em um texto da modalidade escrita. Como já mencionado, encontramos nas cartas de revistas femininas da revista **Capricho**, características de gênero textual escrito, mas de concepção oral (MARCUSCHI, 2005). Notamos que neste contexto os interlocutores se mostram mais a vontade para utilizarem uma linguagem próxima da coloquialidade. Por essas características, coadunando com Marine (2009), acreditamos que as cartas da revista **Ragazza** e **Capricho** são um pertinente corpus para pesquisas variacionistas.

¹⁵ Outros fragmentos podem ser lidos no ANEXO I deste artigo.

5. Procedimentos metodológicos

Inicialmente, realizamos um levantamento bibliográfico sobre o assunto e sobre os princípios da teoria Variacionista Laboviana (LABOV, 1972, 2008). Concomitantemente, digitamos um corpus composto de cartas, publicadas a partir de 1994, que foram extraídas das revistas femininas **Ragazza** como representante do corpus escrito do Português de Portugal (PP) e da revista **Capricho**, como representante do corpus escrito do Português do Brasil (PB).

Após montado o corpus, fizemos a seleção das ocorrências dos verbos TER e HAVER, com sentido de existir. Posteriormente, analisamos separadamente os dados obtidos do *corpus* do PB e do PP quantitativamente, de acordo com o seguinte grupo de fatores:

- (a) variável dependente: TER vs. HAVER (sentido de existir)
- (b) variáveis independentes:

- animacidade do objeto:

A animacidade, segundo Vitorio (2006), diz respeito à caracterização de um traço semântico de base lexical, que é conceitualmente identificado com a noção biológica mais comum de ser vivo do reino animal, seja humano ou não humano. Ou seja, diz respeito fundamentalmente a SNs e seus traços semânticos. Para esta análise levamos em consideração os traços semânticos:

- a) [+ animado] Exemplo: “o garoto”, “o cachorro”;
- b) [-animado]. Exemplo: “a porta”.

Segundo pesquisas sociolinguísticas, a variável animacidade do objeto caracteriza-se como um elemento semântico/discurso de muita relevância em análises de usos de verbos.

- tempos verbais:

Quanto ao tempo verbal a análise deste artigo levou-se em consideração todos os tempos verbais que aparecerem nas ocorrências do corpus, tendo em vista que se propõe verificar qual o tempo verbal está associado ao uso de cada uma das formas verbais (TER ou HAVER). Diversos estudos variacionistas envolvendo a alternância TER e HAVER com sentido existencial existenciais (cf. DUTRA, 2000; CALLOU; AVELAR, 2000; SILVA, 2001; VITÓRIO, 2006) apontam a relevância desta variável para o fenômeno. Buscamos verificar se o uso TER e HAVER nas cartas de revista feminina também pode estar correlacionado a escolha do tempo verbal. Pesquisas de maneira bastante sistemática, sugerem que a escolha de HAVER existencial é fortemente influenciada pelo tempo verbal expresso na oração existencial, mostrando que, embora TER existencial apresente percentuais de uso maiores tanto no tempo presente quanto no tempo passado, para o HAVER, o uso é mais favorável associado a formas do passado.

- posição do objeto

A terceira variável diz respeito à posição do objeto na frase em relação o verbo TER ou HAVER, ou seja, se este está antes ou depois do verbo. Verificamos se uma dessas posições sintáticas pode ser um fator condicionante para a escolha de uma ou outra forma verbal. Cabe mencionar que Dutra (2000), ao analisar a variação TER e HAVER na norma culta de Salvador, como já mencionado anteriormente, apontou com um dos fatores linguísticos que condicionam a variação dessas formas verbais, a posição do objeto e a animacidade

Esses grupos de fatores foram codificados e, com o auxílio do aplicativo GOLDVARB 2001, realizamos as análises quantitativas dos usos dos verbos TER e HAVER com sentido de existir no PP e no PB. Após esta etapa, fizemos a análise qualitativa dos dados, comparando os resultados obtidos no PP com os do PB. Dessa forma, foi possível realizar um estudo descritivo-comparativo, evidenciando diferenças e semelhanças no uso dessas duas formas verbais nas variedades do português (PP e PB).

6. Análise dos dados

Após selecionarmos as ocorrências de TER e HAVER com sentido de existir em nosso corpus, obtivemos os seguintes resultados:

Tabela I: resultados gerais no PP e no PB

	PB	PP
TER (com sentido de existir)	36 / 62%	03 / 5%
HAYER (com sentido de existir)	22 / 38%	54 / 95%
Total	58 / 100%	57 / 100%

Fonte: as autoras

A partir dos resultados apresentados nesta primeira tabela, podemos observar que no PP há uma tendência de uso do verbo HAVER, com 95% das ocorrências, ao passo que no PB, apesar do resultado não ser tão discrepante quanto no PP, há uma tendência de uso do verbo TER, com 62% das ocorrências. Dessa forma, o resultado encontrado nesta pesquisa corrobora o que Mira Mateus

et al. apresenta em sua gramática. Segundo as autoras, há uma diferença de utilização entre PB e PP, em que o PB utiliza o verbo TER e o PP utiliza o verbo HAVER para as construções existenciais. Exemplo:

(13) PB: “Eu não acho que ser o primeiro na vida de alguém tenha tanta importância assim. **TEM** uma coisa meio machista demais nesse pensamento.” [C91994P132]

(14) PP: “A revista abordou um tema delicado de forma natural, para que todos possam ver que é real, que **HÁ** sentimento.” [C32005P102]

Além disso, esse resultado evidencia a predominância do verbo TER (62%) no PB, fenômeno que não é citado nas gramáticas normativas supracitadas ou seu uso é considerado um “desvio”. Os dados obtidos para o PB não só indicam que há variação dos verbos TER e HAVER em contextos existenciais no corpus analisado, como também mostram que a frequência do verbo TER é maior do que a ocorrência de HAVER, já possível de ser observada na escrita.

Esses resultados para o PB corroboram a afirmação de Franchi et al. (1998) de que a distribuição dos verbos em contextos existenciais mostra o privilégio das construções com TER sobre HAVER, e com os resultados das pesquisas sociolinguísticas sobre a variação TER/HAVER existenciais, que indicam que TER é o verbo mais utilizado.

A seguir, apresentaremos os resultados referentes as variáveis dependentes, começaremos pela animacidade do objeto:

Tabela II - Animacidade do objeto

(leitura vertical) ↓	PB		PP	
	TER	HAVER	TER	HAVER
[+ animado]	27/ 75%	20/ 91%	-	21 / 39%
[- animado]	9/ 25%	2/ 9%	03 / 100%	33 / 61%
TOTAL	36/ 100%	22/ 100%	03 / 100%	54 / 100%

Fonte: as autoras

Por meio dos resultados apresentados na tabela acima, é possível notar que no PB, há predominância do uso verbos TER e HAVER com argumentos de traço [+animado]. Já no PP, a predominância do uso dos verbos ocorreu com objetos de traço [- animado].

Outro grupo de fator analisado foi o “tempo verbal”:

Tabela III – Tempo Verbal

(leitura vertical) ↓	PB		PP	
	TER	HAVER	TER	HAVER
Presente do indicativo	29/ 81%	14/ 63%	03 / 100%	54 / 100%
Pretérito Perfeito do Indicativo	3/ 8%	3/ 14%	-	-
Pretérito Imperfeito do Indicativo	4/ 11%	2/ 9%	-	-
Futuro do Subjuntivo	-	3/ 14%	-	-
Total	36/ 100%	22/ 100%	03/ 100%	54/ 100%

Fonte: as autoras

Os resultados expostos na tabela acima evidenciam uma maior predominância dos verbos HAVER e TER no presente do indicativo. No corpus do PP, o único tempo usado nas ocorrências encontradas foi o presente. Ainda que no corpus do PB, nota-se a ocorrência de outros tempos verbais, a predominância ainda acontece com o tempo verbal presente do indicativo. Portanto, é possível afirmar que o tempo presente é uma variável relevante para o uso de TER por HAVER em estruturais existenciais nas duas variedade do português.

Cabe mencionar que esses resultados estatísticos contrariam a hipótese de Vitório (2006) para o PB, de que o tempo expresso com valor de presente é mais favorável ao uso da forma inovadora TER existencial, enquanto que o tempo passado é mais inibidor.

Por fim, ao investigar a correlação entre TER/HAVER e a posição do objeto, chegamos ao seguinte resultado:

Tabela IV – Posição do objeto

(leitura vertical) ↓	PB		PP	
	TER	HAYER	TER	HAYER
Antes do verbo	-	-	-	-
Depois do verbo	36 / 100%	22 / 100%	03 / 100%	54 / 100%
TOTAL	36 / 100%	22 / 100%	03 / 100%	54 / 100%

Fonte: as autoras

Os dados encontrados explicitam a ocorrência dos verbos TER e HAYER com sentido existencial apenas depois do verbo, tanto no PB quanto PP. Esse fato pode ter ocorrido devido ao grau menos formal do gênero utilizado como corpus, em que há uma tendência em se utilizar a ordem dos constituintes canônica SVC (sujeito, em nosso caso, marcado pela ausência+verbo+complemento).

É relevante mencionar que ao realizarmos as rodadas no GOLDVARB 2001, todos os grupos de fatores foram considerados significativos, com pesos relativos próximos a 1.

7. Considerações Finais

Este estudo teve como principal objetivo observar o uso variável dos verbos TER e HAYER com sentido de existir em uma amostra do Português de Portugal (PP) e do Português do Brasil (PB) escrito contemporâneo, composta por cartas da revista *Ragazza de Portugal* e da revista *Capricho do Brasil*, ambas publicadas a partir de 1994.

Por meio desta pesquisa descritiva e comparativa, pudemos observar que no PP há uma tendência de uso do verbo HAYER (95% das ocorrências) e no PB, embora o resultado não seja tão discrepante quanto no PP, há uma tendência de uso do verbo TER (com 62% das ocorrências). Isso evidencia que ao menos em relação aos usos dessas formas verbais, há uma diferença entre as duas variedades do português investigadas.

Por fim, esta pesquisa não é exaustiva, tem apenas um caráter exploratório, por isso, esperamos ter contribuído no esclarecimento das restrições que se correlacionam ao processo de variação TER/HAYER existenciais no corpus estudado. Esperamos ainda que os resultados aqui apontados, aliados a outros, possam ainda auxiliar não só para os estudos na área sociolinguística, como também para as pesquisas relacionadas ao Português escrito, em suas diferentes variedades.

8. Referências

- BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- BATISTA, Priscila Guimarães. **Ter e Haver existenciais na fala culta de Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre: do social ao linguístico**. Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, Agosto de 2012.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CALLOU, Dinah & AVELAR, Juanito. (2002). **Estruturas com ter e haver em anúncios do século XIX**. In Alkmim: Para a história do português brasileiro, Vol. III. São Paulo: Humanitas-USP. 47-68.
- CALLOU, Dinah. & AVELAR, Juanito. (2000). **Sobre TER e HAVER em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil**. Gragoatá 9, pp. 85-114.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- DUTRA, C. **Ter e haver na norma culta de Salvador**. Dissertação de Mestrado. UFBA, 2000.
- FRANCHI, Carlos; NEGRÃO, Esmeralda; VIOTTI, Evani. Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. D.E.L.T.A., v. 14, n. especial, p. 105-131, 1998.
- LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008[1972].
- MARINE, Talita de Cássia. **Um estudo sócio discursivo do sistema pronominal dos demonstrativos no Português Contemporâneo**. Tese de doutorado. Araraquara, São Paulo, 2009.
- MIRA MATEUS, Maria Helena et al. **Gramática da língua portuguesa**. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.
- OLIVEIRA, A. A. S.; BARBOSA, J. B. **TER e HAVER com sentido de existir em cartas da revista feminina *Capricho***. Relatório de Iniciação Científica BIC-CNPQ. UFTM. 2014.
- OLIVEIRA, A. A. S.; BARBOSA, J. B. **Uso dos verbos TER e HAVER com sentido existencial em cartas de revistas femininas portuguesas**. Relatório de Iniciação Científica BIC- FAPEMIG. UFTM. 2013.
- PERINI, Mário A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- VITORIO, E. **Ter/haver existenciais na escrita de alunos de 5ª e 6ª séries do ensino fundamental da cidade de Maracanaú/CE**. 2006. Monografia (Especialização em Linguística e Ensino do Português) – Universidade Federal do Ceará, Ceará, 2006.